

ENSINO

Escolas particulares perdem 10% dos alunos

Principal motivo é o aumento das mensalidades que chegou a 33% em 96 para uma inflação de 10%

CRISTIANE SEGATTO

Setenta mil alunos da classe média paulista entrarão em uma escola pública pela primeira vez em março, depois de anos de estudo em instituições particulares. A rede privada de ensino perderá 10% de seus alunos (principalmente de 1º grau) em 1997, segundo estimativa da Secretaria Estadual de Educação.

Nos últimos cinco anos, mais de 200 mil alunos migraram para a escola pública. O êxodo acumulado foi de 16% entre 1990 e 1995, segundo o empresário Silvio Gomide, presidente do Grupo (a associação das escolas particulares paulistas mais tradicionais).

A mudança — acentuada pelos preços das mensalidades que subiram em média 33% no ano passado, segundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) — não assusta autoridades ou donos de escolas, mas apavora os pais.

O secretário de Educação em exercício, Hubert Alquéres, garante que há vagas suficientes para o novo público. “Esse grupo representa apenas 1% de nossa demanda e será facilmente absorvido pela rede pública”, afirma. O novo cenário não provocará abalo no orçamento de R\$ 3,6 bilhões da secretaria para este ano.

Êxodo — As escolas particulares, porém, deixarão de ganhar R\$ 21 milhões mensais se considerado um gasto médio de R\$ 300 por aluno. Segundo Gomide, o êxodo não chega a preocupar. Ele calcula uma perda de 8% da clientela, o que representará R\$ 16,8 milhões a menos no caixa mensal das particulares.

“A evasão é alta, mas não haverá quebradeira de escolas”, disse. “A maioria dos empresários reduzirá funcionários ou agrupará salas para adequar os orçamentos”, comentou. A angústia, portanto, só afeta os pais.



Casal Arantes: surpresa com a atenção dada pelos professores e decepção com a falta de recursos

A transferência denuncia a queda do poder aquisitivo e atormenta adultos acostumados a medir a qualidade de ensino pelo preço cobrado pelas escolas. A contragosto, a professora Sueli Guimarães matriculou o filho Luís Felipe na 4ª série da EEPG Clorinda Danti, no Butantã. “Não durmo bem há vários dias porque não sei o que encontraremos lá”, comentou.

Ainda esta semana, outras duas filhas de Sueli tentaram vagas na escola pública. A mudança

faz parte de um pacto familiar. Até o ano passado, a educação das crianças consumia R\$ 1 mil do orçamento mensal dos Guimarães. Agora, esse dinheiro vai engordar uma poupança para a compra da casa própria.

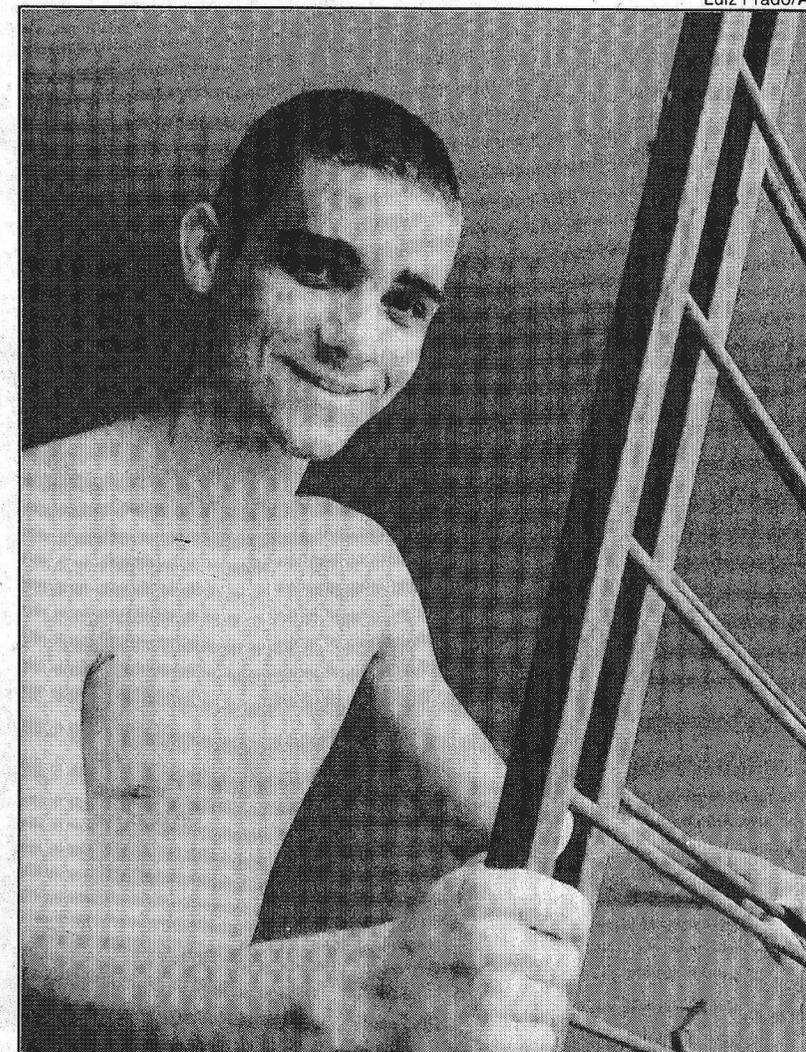
“Assim que realizarmos esse projeto, eles voltam para a escola particular”, planeja Sueli. Afastada dos serviços públicos de educação e saúde há vários anos, a classe média não tem elementos para avaliar a qualidade do atendimento. Na dúvida, porém, insiste no pressuposto de que qualquer instituição particular será sempre melhor. “É um tiro no escuro porque não convivemos com pessoas que utilizam escolas estaduais”, afirma Sueli.

Qualidade — O técnico químico Moacyr Pelario Silva não se arrependeu de ter transferido o filho para o Clorinda no início do ano passado. Atento ao desempenho do garoto de 7 anos, ele concluiu que nem sempre a qualidade da rede privada é superior. “Não vou gastar dinheiro com escola particular se vejo aproveitamento similar na escola pública”, comentou. “Vou instruir meu filho a

ser um autodidata.”

Humilhação pessoal tomou conta do comerciante Aristóteles Arantes Teixeira quando matriculou os filhos Felipe e Aristóteles em escolas estaduais pela primeira vez em 1996. “Me senti incapaz por não poder oferecer um ensino melhor a eles”, desabafa. Um ano depois, Arantes surpreendeu-se com a atenção dos professores, mas lamenta a falta de recursos materiais. “A escola pública cumpre apenas o básico e nunca vai além”, comenta Arantes.

Contrariados ou não, moradores de bairros confortáveis da Capital como Campo Belo, Brooklin e Butantã disputam as melhores escolas públicas da região. A procura por



Arthur Balteiro: “Não senti dificuldades de adaptação”

vagas aumentou 15% em relação ao ano passado entre ex-alunos de instituições particulares, segundo avaliação da titular da 14ª Delegacia de Ensino, Arlete Scotto.

Sem dificuldades — “A situação financeira da família determina a transferência, mas os pais percebem que a qualidade de algumas escolas públicas é semelhante à encontrada em instituições privadas”, considera Arlete. A família Balteiro, que mora em um condomínio fechado próximo à Rodovia Raposo Tavares, corresponde a esse perfil.

No ano passado, o adolescente Arthur estreou na escola pública após uma década em colégios parti-

culares. “Não senti dificuldades de adaptação e pretendo entrar na faculdade de Educação Física sem precisar de cursinho”, comentou.

Agora, foi a vez de seu irmão, Paulo, se inscrever no sorteio de vagas do 2º grau marcado para o dia 21. A Secretaria da Educação garante que haverá vagas suficientes para todos, mas nem sempre nas unidades e turnos mais disputados.

O fluxo de alunos para a rede pública vem sendo observado há cinco anos pelas escolas particulares associadas ao Grupo. “A classe B perdeu rendimentos e foi obrigada a procurar a rede pública”, explica Gomide. Esse movimento, porém, aponta bons sinais. “Agora que as escolas estaduais começam a melhorar, as particulares terão de oferecer ótimos serviços se não quiserem perder ainda mais alunos”, conclui.

**SETOR PERDEU
200 MIL
ESTUDANTES EM
CINCO ANOS**